

Bancos não emprestam

Moisés Rabinovici
Nosso correspondente

WASHINGTON — Um banqueiro que se reuniu com outros dez, norte-americanos, contou a O Estado e ao Jornal da Tarde que ficou "com a impressão de que todos acham que o novo plano brasileiro é bom, mas duvidam que o governo consiga cortar despesas".

Essa própria fonte, também cética, acha que o controle do déficit público, agora "é a base do problema". Para ela, o Brasil poderá conseguir "uns US\$ 3 a 4 bilhões de instituições financeiras governamentais", mas não de bancos particulares.

"Conversei com dez bancos", contou o banqueiro, de Nova York, "e nenhum deles emprestaria dinheiro novo".

O resultado dessa enquete parcial era temido, ontem, pelo representante financeiro da Argentina nos Estados Unidos, Santiago Del Puerte, que está esperando o desembolso de um empréstimo de US\$ 1,95 bilhão obtido com 350 bancos, mas antes que o Citicorp lançasse a iniciativa de elevar as reservas contra empréstimos problemáticos. Seguida já pela maioria dos grandes bancos.

O empréstimo para a Argentina está sendo aguardado como o melhor teste sobre as intenções dos bancos, em geral. O presidente do Citicorp, John Reed, tem insistido que vai continuar emprestando dinheiro novo para os países endividados. Mas a impressão unânime dos analistas financeiros é a de que ele não pode dizer a seus acionistas, a quem informou prejuízos de US\$ 2,5 bilhões neste trimestre, que vai emprestar mais. Outros presidentes de bancos anteciparam-se ao desafio, avisando que os prejuízos que estão contabilizando são a porta de saída do problema da dívida na América Latina.

"De onde virá o dinheiro novo?", perguntou o co-presidente do First

Boston International Bank, Pedro Pable-Kuczynski, durante a Conferência Econômica Panamericana, nesta semana, em Indianápolis.

Nessa conferência, o presidente da Sociedade das Américas, David Rockefeller, disse que a moratória brasileira "tornou-se a desculpa para o corte de todos os créditos às nações em desenvolvimento". Para ele, ainda, a proclamação da moratória não era necessária, sugerindo que o Brasil poderia até ter atrasado o pagamento dos juros, sem, no entanto, dar-lhe um nome, ou uma oficialização.

O Novo Cruzado lembra um programa de austeridade do FMI, surpreendem-se alguns analistas econômicos. Mas os sinais captados em Washington sobre as relações entre o Brasil e o FMI são os mais contraditórios possíveis. Algumas fontes brasileiras, em Washington, insistem que não haverá um acordo formal com o FMI, enquanto outras, sim. "Mas que não têm certeza".

O próprio FMI mantém seu silêncio tradicional. Mas para conhecer "o conteúdo detalhado" do Plano Bresser está enviando uma nova missão ao Brasil, que completará o trabalho da que esteve em maio, realizando sua consulta anual, no contexto das novas negociações com o Clube de Paris.

"Quando a missão estiver no Brasil", explicou uma fonte em Washington, "o plano não estava terminado. O governo brasileiro disse então aos enviados especiais: voltem quando pudermos apresentar nossas intenções para o futuro. E a oportunidade surgiu agora".

Sobre o dinheiro devido pelo Brasil ao FMI, o mistério é total, ao nível de imprensa, como acrescentou ainda a mesma fonte: "Isto é uma coisa técnica. Se atrasa, o País deverá uma explicação. Há mecanismos para se tratar disso. Mas informações sobre vencimento não circulam a não ser entre os países devedores e o FMI".